

Segundo o pensamento fenomenológico de Martin Buber “a criação não é uma barreira no caminho que leva a Deus, ela é este próprio caminho”¹. Numa linguagem imagética, os diversos fios de uma trama se entrelaçam sem perder sua identidade – o que, em outras palavras, pode ser verificado pela imagem exibida na capa do presente fascículo.

O Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro foi fundado em 1590, sob as provisórias instalações da ermida de Nossa Senhora da Conceição. Sua edificação foi iniciada pela Igreja Abacial de Nossa Senhora do Monserrate, em 1633, período no qual a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro também edificava seu patrimônio arquitetônico em cantaria, com pedras provenientes de diversos rochedos, como o da Ilha das Cobras e o do Morro da Viúva. Passados três séculos, os governantes da então capital do Brasil decidiram dar novos ares e nova cara à cidade do Rio de Janeiro. Na primeira década do século XX, ocorreu a avassaladora demolição de edifícios seiscentistas para dar lugar a Avenida Rio Branco. Quatro décadas mais tarde, outras tantas edificações foram demolidas, dessa vez, por ocasião da abertura da Avenida Presidente Vargas, inaugurada em 1944.

Como já dizia o ditado popular, “as pedras rolam e se encontram”. Esse encontro deu-se durante o governo abacial de Dom Inácio de Acciloy, na transição do terceiro para o último quartel do século XX, quando as pedras seriam utilizadas para a pavimentação do adro da Igreja Abacial do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

Entre os séculos XVI e XXI, não esquecendo o período da formação rochosa – que remonta a milhões de anos passados – as referidas pedras viveram diferentes situações, entre as elevadas edificações e a pavimentação de um espaço sagrado, transformado em estacionamento. Durante o ano letivo é praticamente impossível visualizar o espaço vazio, como fora concebido para ser uma transição entre o profano e o sagrado propriamente dito.

¹ BUBER, Martin. *Do diálogo e do diálogo*. São Paulo: Perspectiva, 1982. p. 9.

A imagem ora em questão é fruto, em primeiro lugar, da natureza, em sua rotina como tal. A edificação da Igreja Abacial, por sua vez, bem como a pavimentação de seu adro, são frutos do labor humano. Da mescla dessa arquitetura com a iluminação solar do final de uma manhã outonal, enquanto caminhava do mosteiro em direção à faculdade me deparei com espantosa imagem. Naquela manhã, naturalmente, os carros foram estacionados no extremo fronteiro ao templo, deixando uma clareira onde a luz solar, quebrada pela construção arquitetônica, pôde produzir extraordinária imagem, num contraste de luz e sombra. Muitos dos transeuntes que diariamente caminham sobre a pavimentação ignoram a história dessa obra em cantaria. Ignoram as experiências humanas vividas sobre elas. Veem sua superfície plana e o harmonioso encaixe de suas laterais, indiferentes às arestas que adentram o solo, já não mais tão sagrado devido à sua utilização em âmbito profano.

Retomando o pensamento de Buber, é precisamente nesse “espaço onde se realiza o diálogo, o encontro entre Eu e Tu” (...) “sem que necessariamente haja relações pessoais entre os diferentes membros de um grupo”.² Não importa a direção do transeunte: se ele cruza o espaço em busca do sagrado, ou se dele se afasta rumo à sua lida diária, já revestido do sagrado no interior do templo. Como diria Edith Stein, finito e infinito aqui se abraçam eternamente.

D. Mauro Maia Fragoso, OSB
Diretor de Patrimônio do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro

² Id. Ibid. p. 10